

EFEITOS DE OFICINAS DE INCLUSÃO
DIGITAL EM ADULTOS TARDIOS:
NOVOS CONHECIMENTOS PARA UM
ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL¹

Denise Goulart²
Anderson Jackle Ferreira³
Juan José Mouriño Mosquera⁴
Claus Dieter Stobäus⁵

resumo

O artigo é fruto da discussão entre os autores, a partir da construção da Tese de Doutorado de Ferreira, incluindo também elementos do

1 Este trabalho foi apresentado originalmente na *Conferência IADIS Ibero-americana www/Internet 2009*, Madrid- Alcalá de Henares.

2 Doutora em Gerontologia Biomédica pela PUCRS. Mestre em Educação pela PUCRS. E-mail: denisegoulart2010@hotmail.com.

3 Doutor em Gerontologia Biomédica pela PUCRS. Mestre em Gerontologia Biomédica pela PUCRS. E-mail: anderson@jackle.com.br.

4 Pós-Doutor em Psicologia pela Universidad Autónoma de Madrid. Livre Docente em Psicologia da Educação. Professor Titular na Faculdade de Educação e de Letras da PUCRS. E-mail: mosquera@pucrs.br.

5 Pós-doutor em Psicologia pela Universidad Autónoma de Madrid- Espanha. Doutor em Ciências Humanas: Educação. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica no Centro Universitário La Salle. E-mail: stobaues@pucrs.br.

desenvolvimento do Projeto Potencialidade: Oficinas de Inclusão Digital, que era realizado no Instituto de Geriatria e Gerontologia da PUCRS, descrito no início do trabalho. Através das falas desses idosos que participaram das oficinas nos Cursos de Extensão e das análises pertinentes embasadas nos autores utilizados, elencamos algumas previsões para os próximos anos acerca do desenvolvimento humano, especialmente na vida adulta tardia/velhice, revelando alguns elementos que podem servir de base para futuros estudos na área.

palavras-chave

Adulter Tardia. Inclusão Digital. Envelhecimento. Aprendizagem.

1 Introdução

Nas últimas décadas, o conhecimento sobre o ser humano passou por inúmeras modificações em termos de determinantes evolutivos, especialmente os genéticos, de determinantes ambientais, incluindo estilo de vida, alimentação, aspectos socioambientais, de modo que estamos praticamente reescrevendo a evolução da nossa espécie, bem como destacaríamos que a sociedade contemporânea, cada vez mais, está caracterizando-se por sua relação de proximidade e crescente dependência de recursos tecnológicos, em especial os advindos de meios informatizados. Atualmente, dispomos de equipamentos que, há poucos anos, faziam parte dos mais criativos filmes hollywoodianos de ficção científica e que, gradativamente, passaram a ocupar o cotidiano de uma realidade tecno-eletrônica. Por exemplo, computadores que cuidam de nossa casa, como os ativados por voz, interfaces com aparelhos de televisão para realizar compras em *sites*, conexões rápidas com pessoas em praticamente qualquer lugar do mundo, e informações que chegam quase instantaneamente por Facebook, e-mail e Skype. Por isso, o idoso ou o adulto tardio (ou como preferimos chamar, evitando a utilização despectiva de termos como velho, de idade avançada) também necessita estar mais conectado neste mundo em rápida evolução.

Portanto, para este trabalho, nossa ideia central foi realizar uma revisão de alguns dos achados da Tese de Doutorado obtidos por Ferreira (2009), a partir de discussões com Mosquera e Stobäus. Assim, tratamos da questão do aprendizado do adulto tardio/idoso. O enfoque principal foi rever as concepções de envelhecimento relatadas por idosos participantes de Oficinas de

Inclusão Digital, oferecidas pela PUCRS, com evidentes repercussões em sua vida familiar e relações sociais.

As Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) tornaram-se *fator* motivador e inovador determinante para reestruturação e surgimento de uma nova sociedade, baseada em uma cultura virtualizada com a rápida conexão e acesso. O estudo de Ferreira insere-se nesta perspectiva de buscar conhecer melhor como adultos tardios aprendem continuamente, pensam e agem.

Em meio a todo este processo, paralelamente, ocorre uma quase “des-personalização”, observada em determinadas gerações, classes e grupos humanos, entendida pelas pessoas jovens, aqui destacados como nativos digitais, com as pessoas não possíveis de serem também usuários das ferramentas informatizadas. Eles mesmos comentam que justamente aqueles que ditam, popularmente, que a pessoa, ao tornar-se idosa, não necessitaria mais de novas aprendizagens, o que é um equívoco, já que passamos a vida toda aprendendo, ainda mais quando o ambiente é mais afetivo, destacam Mosquera e Stobäus (2006a). Lembramos que, para a realização deste estudo, Ferreira (2009) partiu da premissa de que idosos têm potencial para desenvolver aspectos de sua inteligência e que a inclusão digital é ponto fundamental neste processo, a partir dos comentários oportunamente destacados por estudo de Azevedo e Souza (2006, p. 139).

2 Projeto potencialidade: oficinas de inclusão digital

Quando o projeto de inclusão digital para idosos, realizado pelo Instituto de Geriatria e Gerontologia da PUCRS, iniciou suas atividades, em 2003, sua primeira turma contava com 15 idosos. Naquele ano, o interesse dos adultos tardios em uma oficina de inclusão digital estava mais direcionado para a prática de uma atividade recreativa em grupo do que na própria curiosidade intelectual e no desejo por novos aprendizados. Para aqueles alunos, inicialmente, a Informática não passava de mais uma entre as formas de passatempo e diversão.

Nesta direção, foi desenvolvida uma iniciativa interdisciplinar entre as áreas da Educação, Gerontologia Biomédica e Informática, envolvendo professores e alunos dos programas de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica e Pós-Graduação em Educação. Partiu-se da observação de estratégias utilizada e comentadas pelos idosos participantes do Projeto Potencialidade de inclusão digital.

Desde aquela época, Stobäus leciona a disciplina ensino e aprendizagem em Gerontologia Biomédica, o que possibilita, por sua vez, especialmente com

os alunos de mestrado e doutorado, aprofundar conhecimentos e práticas com seus alunos/clientes adultos idosos.

No ano de 2009, o Projeto já havia atendido mais de 100 pessoas, através de uma metodologia dialógica, de cunho qualitativo, introduzindo a ideia de uma concepção e atividade prático-intelectual, diferenciando-se de demais cursos destinados a pessoas com mais de sessenta anos em diante, em que atividades são empregadas como mera ocupação do tempo, como diz Schwanke (2007, p. 21).

A proposta de criação destas oficinas, mediadas pela utilização do computador com um público idoso, possibilitou, desde então, uma contribuição para qualificar o ensino na área da Gerontologia Biomédica, rompendo, de certa forma, com espaços de sala de aula meramente (re)transmissores e propiciando condições para que os idosos percebessem que a aprendizagem é um elemento que possibilita uma melhoria em sua própria qualidade de vida e interesses futuros.

As Oficinas de Inclusão Digital tinham como fundamento a busca do conhecimento sobre o envelhecimento, proporcionando que eles realizassem autovalorização, com a colocação em prática de sua curiosidade intelectual e melhoras em seu vínculo afetivo, e contato e aprofundamento em atividades de pesquisa e com o uso dos recursos da tecnologia. Foram ministradas por alunos e ex-alunos do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica, em encontros de duas horas semanais, com quatro turmas com 20 idosos cada. Dados sobre o histórico e a relação com a Informática fizeram-se importantes para o desenvolvimento e aprimoramento dessas oficinas, exclusivamente direcionadas ao público idoso, desmistificando estereótipos de que os adultos tardios que procuram esse tipo de curso não conseguem aprender.

Durante as atividades de aulas nos cursos de Extensão, os alunos idosos relatavam que o receio em danificar o computador era um dos principais motivos para o não interesse na utilização desse equipamento, pelo menos inicialmente. O medo de quebrar não estava ligado à perda de arquivos importantes ou no ligar e não ligar mais, mas no custo a ser desembolsado para realizar os reparos, se houvesse qualquer problema maior durante a prática.

Os conhecimentos e a concepção sobre recursos da Informática desses idosos ingressantes no Projeto Potencialidade estavam, na grande maioria das vezes, direcionada à visão de que essa tecnologia somente era manipulada por pessoas “mais jovens”, corroborado através de afirmativas dadas pelos idosos, tais como “o computador é coisa para os mais jovens” (Idoso 1) e “sou velho demais para isso” (Idoso 2), que fizeram parte das respostas sobre compreensão pessoal quando o assunto era Informática. Também, houve certa resistência para a

aquisição de novos aprendizados, bem como ao afirmarem “*eu não consigo*” (Idoso 3) ou “*eu já passei da idade*” (Idoso 4). Aparecem também, na sociedade, em estereótipos da inatividade, da “aposentadoria estática”, do período da vida destinado ao descanso ou do idoso com o papel de uma pessoa cuidadora de filhos/netos, ou de um “estado inanimado”, no qual todas as possibilidades/potencialidades simplesmente desapareciam no momento em que a pessoa é idosa, após sua aposentadoria, em torno dos 60-65 anos de idade cronológica.

Outros aspectos mais complexos, que não são considerados, da idade funcional, destacada por Mosquera e Stobäus (2006b), incluem, evidentemente, a idade cronológica, somada a outros: físicos, psíquicos, socialização, relacionamentos, cultura, conhecimento de mundo, espiritualidade, entre outros. Uma prática ou estudo que tenha como princípio práticas educativas junto a idosos deve atuar contra preconceitos e estereótipos, mostrando que, indiferentemente das restrições que a própria sociedade impõe, o potencial para o crescimento intelectual e a aprendizagem implica a disposição de condições iguais para seu desenvolvimento, independentemente da faixa etária, condições socioeconômicas, gênero ou outros fatores.

Com o passar do tempo e a formação de novas turmas, dentro do Projeto Potencialidade, foi observado que esses estereótipos e a própria concepção da importância dos meios informatizados que podem ser utilizados no dia a dia da vida desses idosos ganharam outros contornos e destaques. As Tecnologias da Informação e da Comunicação passaram a ser vistas por eles como um meio a mais para poder realizar mais atividades e maior interação social e desenvolvimento social.

No que se refere às concepções de envelhecimento que traziam, estas foram construídas, muitas vezes, de forma mais solitária e estereotipadamente, dentro de sua cultura, durante os anos de vida. Através do levantamento realizado na pesquisa de Ferreira (2009), foi possível evidenciar uma evolução gradativa para um maior entendimento e uma ampliação das possibilidades do próprio processo de envelhecimento através do contato deles com resultados de estudos e pesquisas.

Santos et al. (2005), em estudo com docentes sobre uso de Tecnologias de Informação e Comunicação, encontraram que também na adultez jovem existem essas desconfianças sobre tecnologias “ameaçadoras” ao terem receio em usá-las. Talvez pessoas “alfabetizadas digitalmente” não as entendessem assim, visto que seu uso estaria muito mais enraizado no fazer diário. A explanação realizada pelo autor reflete a nova tendência mundial de que estamos vivenciando e evidenciado no contraste com os depoimentos obtidos

informalmente desses idosos participantes das turmas iniciais do Projeto, mais nos das últimas turmas formadas: a concepção era baseada em um envelhecimento cheio de impossibilidades, mas evoluiu para concepções mais realistas e sérias de envelhecimento qualitativamente melhor.

3 A melhora nos índices de qualidade de vida nos últimos cinquenta anos

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) (IBGE, 2009), a projeção de faixas etárias da população brasileira caminha para uma equiparação entre indivíduos de idades diferentes e, dentre todas, a parcela que terá maior crescimento será a de pessoas que ultrapassarão os sessenta anos de idade. Diante desse dado, investimentos em atividades e estudos em áreas como Gerontologia, Geriatria e Educação será, cada vez mais, uma tarefa necessária e de extrema importância para que esses “futuros idosos” envelheçam com uma melhor expectativa e qualidade de vida, como já está acontecendo.

O reflexo da projeção etária está diretamente ligado a uma melhor qualidade de vida, presenciada nas últimas décadas devido a avanços como:

- avanços nas Ciências da Saúde (vacinas, medicações etc.);
- maior acesso a prontoatendimento em saúde e de medidas preventivas;
- mudanças tecnológicas em todas as áreas do conhecimento;
- melhora na qualidade e alimentação mais saudável;
- prática e manutenção de atividades físicas;
- modificações na Educação, desenvolvendo atividades mais abrangentes, pluralizadas e continuadas;
- melhoras na área social, através de implementação de redes e grupos de convivência e apoio;
- mudanças na farmacologia, com produtos também voltados aos idosos.

Com a crescente melhora na condição de vida, algumas das barreiras que impediam idosos de ter melhor convívio social estão começando a desaparecer, dando lugar a uma nova forma de vivenciar um bom e saudável envelhecimento. Dessa forma, os espaços que antes eram dados como sendo exclusivos aos mais jovens estão sendo contemplados também para pessoas acima de sessenta anos de idade, por exemplo, em alguns empregos (áreas como a saúde e mesmo na educação). Entra aqui o próprio acesso a Tecnologias e competências sociais. Outro ponto que destacaríamos é a necessidade de promover a inclusão dessas pessoas de uma forma mais ampla e abrangente, como dizem Mosquera e Stobäus (2012).

A própria experiência de reinserção de idosos, como seu reingresso na vida acadêmica, Projetos como Universidade da Terceira Idade, ou proporcionar oficinas, como as oferecidas dentro do Projeto Potencialidade da PUCRS, mostram que estas práticas trazem aos participantes uma melhora em sua autoestima e autoimagem. Isso torna mais real a experiência de que puderam participar, quando se trata de elementos mais positivos, potencializando o saber e o fazer, e especialmente em avanços cronológicos vitais.

4 Comentando as falas dos adultos tardios

Aproveitado alguns dos elementos coletados e analisados na Tese de Doutorado de Ferreira (2009) e aspectos já ressaltados em outro trabalho anterior (FERREIRA, 2008), comentaremos a seguir sobre eles, procurando aprofundar em termos de discussão entre os autores. Como disseram alguns destes idosos:

Falei para todas minhas amigas que estou fazendo faculdade [...], elas estão morrendo de ciúmes (Idoso 5).

Estou realizando um sonho [...]. Quando era mais jovem não tive a oportunidade de fazer o que eu queria [...], fazer uma faculdade. Casei cedo e logo vieram os filhos e fui adiando, adiando. O cursinho [oficina de inclusão digital para idosos da PUCRS], é como se eu tivesse voltado no tempo [...], é tão bom estar aqui, me sinto uma universitária (Idoso 6).

Lembrando que destacamos (MOSQUERA; STOBÄUS, 2006b, p. 105):

[...] o ser humano tem necessidade de valorização positiva ou auto-estima e esta é aprendida mediante interiorização, introjeção das experiências de valorização realizadas pelos outros, na interação social.

Aqui, notamos uma motivação em seguir querendo realizar aprimoramentos, ao longo da vida, e que está, diríamos, intrínseca. Compreendemos que a consolidação da valorização do idoso propicia uma melhor consciência da sua identidade cidadã, em especial através de uma mais positiva e real autoimagem e autoestima.

Na comunidade científica, que trabalha direta (ou indiretamente) com a área da Gerontologia, há um consenso de que a idade não é um fator de limitação e que a capacidade do aprender novos ensinamentos é um aspecto permanente e, ao mesmo tempo, contínuo, presente durante toda vida, como bem colocava Azevedo e Souza (2006). Entretanto, também lembremos que

fatores psicossociais, entre eles depressão, solidão, isolamento social, baixa/irreal autoestima e autoimagem e o estresse do dia a dia têm um grande impacto sobre o sistema imunológico, como apresentam estudos atuais nas áreas da Psicoimunologia e da Psico-oncologia, entre outros condicionantes.

Quando os idosos dão-se conta da possibilidade de romper com a ideia de “impossibilidades de novos aprendizados”, por exemplo, há uma considerável melhora no seu desenvolvimento e relacionamento social, inclusive no meio familiar, o que leva conseqüentemente a melhores aspectos em sua saúde. Levando em conta que as estruturas sociais e culturais, que estão constantemente passando por transformações e sendo motivadas para o uso cada vez mais intencional do computador e de ferramentas de informática, como meios de comunicação, interação, informação e entretenimento, necessitamos de maiores investimentos e estudos sobre como melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Para isso, segundo Bárcia (1982, p. 65), cabe uma Educação Permanente, que deve ser entendida como uma perspectiva de afirmação do indivíduo, permitindo, através da tomada de decisões conscientes, uma busca por alternativas que propiciem o domínio de diferentes situações em que vive. Aos poucos, surge uma melhor conscientização, por parte dos próprios idosos, para a importância e os benefícios do uso do computador e das tecnologias, em especial da Internet, ou como possibilidades de melhora em passatempos, uma ferramenta que está possibilitando, inclusive, (re)estruturação e (re)inserção social em um “universo digital”.

Segundo Garcia (2003, p. 328), a maioria das empresas dispõe de espaços virtuais que têm a função de expandir sua atuação, afirmando que a Internet tem “[...] serviços, produtos dos mais variados, bem como outras informações úteis a seus usuários como lazer, alimentação, pontos turísticos, hotéis, transportes, [...] notícias dos principais jornais e revistas, mensagens de todos os tipos e para todos os fins, consulta a bibliotecas vituais e museus”. Na pesquisa de Ferreira (2009), aqueles idosos que tinham bem pouca ou nenhuma oportunidade de acesso aos meios informatizados, ao ingressarem nas oficinas de inclusão digital propostas, ainda assim apresentaram maior conhecimento prévio sobre o assunto do que aqueles que ingressaram no início das atividades, em 2003.

De fato, ocorreu uma evolução das suas concepções sobre envelhecimento e uma rápida conscientização de que não há um limite em termos de idade para utilizá-las como modo de conseguir realizar novas e duradouras aprendizagens. Um ponto que pode ser esclarecido é o de que, possivelmente, em cerca de 6 a 7 anos, a rede e sua ampliação, com acessibilidade e mais capacidade, mudou muito, o que também repercutiu em oportunidades de conhecimentos desses idosos que acessaram o Projeto, estando de acordo com

as ideias desenvolvidas por Mosquera e Stobäus (2012) de que deve haver mais e melhor inclusão social.

Portanto, os que ingressaram nas Oficinas de Inclusão Digital do Projeto Potencialidade mais recentemente relataram uma maior expectativa e reconhecimento das possibilidades e transformações que a Informática lhes pudesse proporcionar como usuários, falando:

Quero me comunicar com meu filho que está longe (Idoso 7).

Meus netos não vão acreditar quando ficarem sabendo que estou aprendendo informática (Idoso 8).

Quero ser uma cidadã do mundo (Idoso 5).

Os idosos responderam ter maior interesse e maior ciência de quais atividades desejavam aprender e melhor compreender. Suas necessidades de conhecimento tecnológico podem e devem ser supridas com respeito e atendimento didático e metodológico adequado, o que possibilita, assim, um melhor direcionamento e uma maior motivação no seu aprendizado em oficinas de informática destinadas para o público idoso. Dentre os diversos pedidos e solicitações, destacaram a possibilidade de conseguir acessar a *internet*, manejar *softwares* de mensagens instantâneas e até mesmo a possibilidade de criar páginas em *sites* de redes sociais. Essas expectativas foram relatadas no início das Oficinas, estando vinculadas à progressiva divulgação dos serviços que a Internet disponibiliza em meios de comunicação mais populares, que incluem jornais, rádio e televisão.

O acesso cada vez maior a esses elementos está possibilitando uma maior curiosidade e facilidade de adaptação desde a última década. Também lembremos que as gerações mais novas, de posse desse conhecimento e de modos de utilização, incentivam e cobram muito os mais idosos a utilizá-las, como vemos nas falas:

Minhas netas disseram que tenho que ter uma página no tal do orkut[®]. [...] que eu tenho que tirar uma foto bem bonita pra ficar na página [...] elas me mostraram as páginas delas (Idoso 9).

Meu filho acabou de me enviar um e-mail, [...] ele está querendo que eu responda (Idoso 10).

Tápia (2001) destaca que a motivação necessária para que a memória e a aprendizagem sejam ativadas articula-se a sentimentos de diferentes naturezas: prazer e desafio em situações de sucesso, raiva, angústia, ansiedade, incompetência e abandono em situações de insucesso ou de desvalorização. Mosquera e Stobäus (2006a), enquanto destacam que são necessárias relações interpessoais mais positivas e sadias para promover o crescimento da pessoa, colocam que outras pessoas, nesse caso das Oficinas, seriam os docentes e instrutores e os familiares desses idosos, que os motivam de diferentes maneiras, ganhando sua atenção e promovendo interesses que possibilitem novas aprendizagens mais qualitativas e com visões mais atualizadas e desafiadoras.

Algumas das razões mencionadas sobre o que os levava a procurar as Oficinas de Inclusão Digital do Projeto Potencialidade modificaram-se durante os anos de sua implementação, o que pudemos acompanhar em oficinas e debates com eles, sendo que o entender sobre meios informatizados mais atualizados, principalmente a vontade de navegar na Internet, tornaram-se seus principais aspectos motivacionais, ao longo de cerca de 6 a 7 anos de atuação do Programa. Segundo seus relatos e observações nas turmas acompanhadas, o incentivo maior de realização das atividades esteve mais vinculado a uma maior expectativa para a aquisição de conhecimentos que possibilitasse a navegação na Internet. Ao serem questionados sobre os motivos que os levavam a ter tal interesse, os idosos relatavam, por exemplo: “comunicação com filhos e netos”, “atualização”, “conhecer lugares” (viagens), “entender o que meus netos e/ou filhos estão fazendo”, “fazer compras sem sair de casa”, “falar com amigos e não gastar mais telefone”, “entrar em sites” (programas de televisão) e “achar receitas” (gastronomia).

A organização das atividades educativas nas Oficinas seguiu-se a partir desses pontos a fim de possibilitar autonomia e o tipo de interação ou necessidade particularmente solicitada por eles, o que influenciou na percepção da tarefa como sendo mais positiva ou desejável. Reafirmando o que destacam Tápia e Fita (2001), a autonomia traz implicitamente o sentimento de trabalhar no que quer e porque quer, rompendo com a sensação de imposição, com condições para a aprendizagem. Diz Morin (1999) que a motivação para a aprendizagem, por sua vez, depende da inteligência, afetividade e da disposição para investir esforço; da crença na possibilidade de modificação de habilidades, destrezas e capacidades próprias; do conhecimento de formas de pensar e de enfrentar o trabalho; do tipo de ajuda necessária, e deve ser levado em conta durante a realização de Oficinas.

Já diziam Azevedo e Souza et al. (2006) que a ideia de tentar utilizar melhor a Internet mostrava-se como um novo mecanismo de prevenção e

manutenção do estado de saúde individual, por parte destes idosos, através da busca de novos conhecimentos e pela estimulação e manutenção da memória. Da mesma forma, está também a compreensão de que saber utilizar aspectos de linguagem (como parte do novo vocabulário específico na área) possibilita uma maior interação social intergeracional, como reconhecimento dos idosos no seu contexto familiar e social, em especial pelos seus filhos e, mais ainda, pelos netos.

Segundo Zimerman (2000, p. 138), “[...] toda pessoa, independente da idade ou da condição social, tem uma necessidade vital em ser reconhecida pelas demais pessoas com as quais convive [...]”. Acrescentaríamos que, como dizem Ferreira et al. (2012), no momento em que o idoso passa a interagir com e por meios informatizados, há um maior/melhor reconhecimento familiar e social, por isso cabe refletir mais sobre a necessidade e prioridade em proporcionar maiores e melhores condições para uma real e efetiva educação desse adulto, sendo uma dessas formas a oficina (como poderiam ser também conferências, debates, intervenções em realidades, materiais disponibilizados em rede, coparticipação, ajuda de pares etc.).

Acrescentaríamos que, como diz Ferreira et al. (2012), no momento em que o idoso passa a interagir com e por meio dos meios informatizados, há um maior/melhor reconhecimento familiar e social, por isso cabe refletir mais sobre a necessidade e prioridade em proporcionar maiores e melhores condições para uma real e efetiva educação desse adulto, sendo uma dessas formas a oficina (como poderiam ser também conferências, debates, intervenções em realidades, materiais disponibilizados em rede, coparticipação, ajuda de pares etc.).

Os meios de comunicação, de certa forma, também contribuíram para o maior interesse e a busca por conhecimentos informatizados, disse a grande maioria dos integrantes do Projeto Potencialidade. De fato, está havendo uma ampla divulgação, em todas as mídias, sobre as possibilidades do uso do computador, em destaque aos serviços proporcionados pela Internet. Dentre os mais diversos serviços que motivam os idosos a buscar conhecimento sobre e na Rede, eles mesmos destacaram: a atualização (leitura, pesquisa, educação continuada), o entretenimento (leitura, vídeos, música), a comunicação (e-mail, mensagem instantânea) e a possibilidade de participarem na criação de redes sociais virtuais. Os achados de Ferreira fortalecem o novo sentido de ver o adulto tardio com mais expectativas e possibilidades em sua vida.

Novamente cabe reafirmar a necessidade de aprendizagens positivas, talvez lembrando os achados de Goulart (2011) em sua Tese de Doutorado. Os mesmos elementos foram revisitados por Goulart, Stobäus e Mosquera (2012), destacando que adultos tardios são essencialmente capazes de aprender,

inclusive de seus próprios erros, se tiverem apoios ao longo do processo, sentirem-se capazes e tiverem possibilidade de implementar o que aprenderam de modo satisfatório, confirmado por Ferreira.

5 Considerações finais

Podemos destacar que, através dos comentários que realizamos baseados, em especial nas falas e nas observações das interações entre os adultos tardios da pesquisa, no convívio com eles e nas Oficinas e em outras vivências dentro do Projeto Potencialidades, as atividades de inclusão digital oferecem inúmeras oportunidades para o aperfeiçoamento pessoal e social. Ao ingressarem nas atividades de cunho pedagógico, apresentavam intensa motivação intrínseca para enfrentar novos desafios, em virtude do aumento mais real em sua autoestima e autoimagem ao notarem eles mesmos progressos em seus aprendizados e desempenhos. Houve também um melhor desempenho em atividades que necessitavam de compreensão de novos conceitos, comportamentos e atitudes. No início das atividades nas Oficinas, apresentavam maiores níveis de competitividade entre si. Com o passar do tempo, essa relação transformava-se em atitudes de cooperação, coleguismo e afetividade solidária.

Nossas observações e debates apontam também para uma associação entre uma mais real autoestima e autoimagem, gerando aspectos que auxiliem em melhorar a percepção, que tenham a possibilidade de incrementar também sua qualidade de vida. Nossa preocupação, atualmente, está direcionada a entender o envelhecimento como mais saudável, pois existe um grande incremento na longevidade, pela mudança demográfica, nos últimos anos. Nunca antes tantas pessoas alcançaram idades tão avançadas, estando ainda bem em sua saúde, até em países emergentes, não só naqueles considerados de primeiro mundo.

A Tese de Ferreira, sem dúvida, não só mostra uma preocupação pela utilização de novas tecnologias, mas a estimulação e o bem-estar do adulto tardio em uma sociedade que se mostra cada vez mais complexa e desafiadora. Isso pode levar-nos a compreender a nossa existência com diferenças essenciais nas formas de envelhecer, o que traz, como consequência, uma nova visão de desenvolvimento humano em seus aspectos cognitivos interligados com aspectos afetivos e sociais, vislumbrando o futuro.

Por outro lado, os conceitos inovadores de neuroplasticidade e reserva latente ao longo de toda a vida enfatizam novas formas de aprender e de adaptar-se a novos desafios sociais e culturais. O que as oficinas tentaram

mostrar, nestes adultos tardios, está em íntima relação com as aprendizagens que já possuíam e suas possibilidades de ainda realizar, compreendendo que a idade cronológica não é mais empecilho ao desenvolvimento, mas estímulo para a idade funcional. As novas tecnologias, o uso de imagens e a provocação de novos estímulos não só retardam o denominado envelhecimento “canônico”, mas provocam um novo despertar, tanto físico, como psicológico e sociocultural.

Os adultos tardios participantes das Oficinas mencionaram que, após o aprendizado das noções de Informática, passaram a se sentir mais úteis e ativos socialmente, e que o uso do computador e das ferramentas propiciou-lhes novas e mais reais perspectivas de futuro, além de ter possibilitado maior interatividade social e familiar. Para alguns, inclusive significou perspectivas de retorno ao considerado mercado de trabalho como forma de poderem complementar renda e se sentirem ainda úteis socialmente, o que já está acontecendo em várias sociedades no mundo. Finalmente, recomendamos novos estudos, mormente longitudinais, em que se possa acompanhar durante mais tempo e, passado algum intervalo, se essas aprendizagens realmente mantiveram-se, junto com os elementos de motivação demonstrados, em um futuro que já se faz presente.

WORKSHOPS FOR DIGITAL INCLUSION EFFECTS IN ELDERLY: NEW KNOWLEDGES FOR A HEALTHY AGING

abstract

The article is the result of discussion between the authors, based on the construction of the Doctoral Thesis of Ferreira, also including elements of the development of the Capability Project: Digital Inclusion Workshop, which was held at the Institute of Geriatrics and Gerontology at PUCRS, described earlier in the article. Through the speeches of those seniors who participated in the workshops on Continuing Education and relevant analyzes based in the authors used, we list some predictions for the coming years on human development, especially in late adulthood / aging, allowing to reveal some elements that can serve the basis for future studies in the area.

keywords

Late Adulthood. Digital Inclusion. Aging. Learning.

referências

- AZEVEDO E SOUZA, Valdemarina Bidone et al. O desenvolvimento da inteligência em idosos com o apoio da WWW/Internet. In: MARTINEZ, Imaculata et al. (Org.). *Actas da Conferência IADIS Ibero-Americana: WWW/Internet 2006*. Lisboa: IADIS Press, 2006, v. 3, p. 138-144.
- BÁRCIA, Mary Ferreira. *Educação permanente no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- FERREIRA, Anderson Jackle. Inclusão Digital de Idosos: desenvolvendo potencialidades. In: FERREIRA, Anderson Jackle et al. (Org.). *Inclusão digital de idosos: a descoberta de um novo mundo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 39- 48.
- _____. *Concepção de envelhecimento de idosos de oficinas de inclusão digital: análise de texto e imagens*. 2009. 147 f. Tese (Doutorado em Gerontologia Biomédica) – Instituto de Geriatria e Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- FERREIRA, Anderson Jackle et al. Investindo na educação para um envelhecimento com qualidade de vida. In: FERREIRA, Anderson Jackle et al. (Org.). *Educação & envelhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/educacaoeenvelhecimento.pdf>> Acesso em: 6 nov. 2015.
- FERREIRA, Lenira Weil (Org.). *Educação e Mídias: o nível, o ilusório, a imagem*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- GARCIA, Lurdes Santos. A competência no uso crítico-criativo da internet: e expressão da dialógica que una na incerteza. In: BORTOLINI, Armando Luiz; AZEVEDO e SOUZA, Valdemarina Bidone (Org.). *Mediação tecnológica: construindo e inovando*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- GOULART, Denise. *Aprendizagem sem erro em idosos nas oficinas de inclusão digital*. 2011. 101 f. Tese (Doutorado em Gerontologia Biomédica) – Instituto de Geriatria e Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- GOULART, Denise; STOBÁUS, Claus Dieter; MOSQUERA, Juan José Mouriño. Inclusão digital na adultez tardia e o reenchantment da aprendizagem. In: FERREIRA, Anderson Jackle et al. (Org.). *Educação & envelhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/educacaoeenvelhecimento.pdf>> Acesso em: 6 nov. 2015.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Projeção da população. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/piramide/piramide.shtm> Acesso em: 1 jun. 2009.
- MORIN, Edgar. *O método 3: o conhecimento do conhecimento*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÁUS, Claus Dieter. O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade. In: ENRICONE, Dêcia (Org.). *Ser Professor*. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 91-107.
- _____. Auto-imagem, auto-estima e auto-realização na universidade. In: ENRICONE, Dêcia (Org.). *A docência na educação superior: sete olhares*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- MOSQUERA, Juan José Mouriño et al. Oficinas de inclusão digital para idosos: aprendizado de novos conceitos de envelhecimento. *Conferência IADIS Ibero-americana www/Internet 2009*, Madrid- Alcalá de Henares. 2009. p. 373- 377.
- PADILHA, Dalva Maria Pereira. A inclusão digital de idosos como exercício de cidadania: o case das oficinas de inclusão digital do projeto potencialidade da PUCRS. FERREIRA, Anderson Jackle et al. (Org.). *Inclusão digital de idosos: a descoberta de um novo mundo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 13- 18.

SANTOS, Bettina Steren dos et al. O mal-estar docente perante o uso das tecnologias de informação e comunicação. *Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación*, Madrid, v. 3, n. 1, p. 344-358, 2005.

SCHWANKE, Carla Helena Augustin. As Oficinas de Inclusão Digital do Projeto Potencialidade: ontem, hoje e amanhã. In: FERREIRA, Anderson Jackle et al. (Org.). *Inclusão digital de idosos: a descoberta de um novo mundo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 21-24.

STOBÁUS, Claus Dieter; MOSQUERA, Juan José Mouriño. *Educação Especial: em direção à Educação Inclusiva*. 4. ed. rev e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

TÁPIA, Jesús Alonso; FITA, Enrique Caturla. *A motivação em sala de aula: como é, como se faz*. 10 ed. São Paulo: Loyola, 2012.

TAVARES, Samíla Sathler et al. Saúde emocional após a aposentadoria. NÉRI, Anita Liberalesso; YASSUDA, Mônica Sanches. *Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos*. São Paulo: Papirus, 2004.

ZIMERMAN, Guite I. *Velhice: aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Recebido: 20/12/2011
Aceite Final: 16/11/2015